

Uso de infográfico como ferramenta didática para divulgação da literatura surda

Jéssica Millena Figueiredo Martins (UFCG, Brasil)
jessicamillenamartins@gmail.com

Camila Assis Peres Silva (UFCG, Brasil)
silva.camila.assis@gmail.com

Luana Gabriela Luna de Moraes (UFCG, Brasil)
luanagmoraes2@gmail.com

José Carlos da Silva Santos (UFCG, Brasil)
josecrlosantos@gmail.com

Uso de infográfico como ferramenta didática para divulgação da literatura surda

Resumo: O presente artigo trata dos resultados de pesquisa interdisciplinar entre os campos do design e da educação. O trabalho consiste em levantamento bibliográfico e estudo de caso. Conceituamos e discorremos sobre literatura surda no Brasil, expondo a urgência em difundir o campo de forma a propiciar inclusão social dos surdos no país. Discorremos também sobre a contribuição dos infográficos para tal empreitada de difusão do conhecimento produzido pela comunidade surda. Por fim, e a fim de fomentar a atuação do designer para além das fronteiras da profissão, apresentamos o processo de produção de infográfico dinâmico, fruto da parceria entre os cursos de graduação em Design e pós-graduação em Linguagem e Ensino.

Palavras-chave: literatura surda; infográfico dinâmico; design e educação.

Use of infographics as a didactic tool for the dissemination of deaf literature

Abstract: *This paper deals with the results of interdisciplinary research between the fields of design and education. The work consists of a bibliographic survey and a case study. We conceptualize and discuss deaf literature in Brazil, exposing the urgency of disseminating the field in order to provide social inclusion for the deaf in the country. We also discuss the contribution of infographics to this endeavor of disseminating knowledge produced by the deaf community. Finally, and in order to encourage the designer's performance beyond the borders of the profession, we present the dynamic infographic production process, the result of the partnership between the undergraduate courses in Design and graduate courses in Language and Teaching.*

Keywords: *deaf literature; dynamic infographic; design and education.*

1. Introdução

O presente artigo é resultado da parceria entre pesquisadores do campo do design com pesquisadores do campo de literatura surda, parceria esta que possibilitou uma troca de conhecimentos entre alunos de graduação em design e a pós-graduada em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande. A pesquisa de mestrado, intitulada “Narrativas da literatura surda brasileira: Estudo e análise de gêneros literários sinalizados disponibilizados no youtube entre os anos de 2007 e 2019” (MARTINS, 2022), teve como um dos objetivos a construção de um infográfico, em que se apresenta as principais características, no que tange a estrutura, de textos literários narrativos, além dos elementos estéticos que constituem as obras literárias sinalizadas. Além disso, o propósito de contribuir com pesquisas que tomam a literatura surda como objeto de estudo. No presente artigo discorreremos sobre o processo de construção de tal infográfico com finalidade de demonstrar o potencial interdisciplinar do design enquanto campo de atuação.

A literatura é importante para o processo de construção de uma sociedade, estas produções auxiliam na constituição de sujeitos socialmente ativos, que conseguem, através das obras literárias externar seus ideais e anseios. Também é por meio dela que a sociedade preserva e fortalece suas histórias, tradições e particularidades (CANDIDO, 1995). No que tange à literatura surda, foi através destas produções que a comunidade surda conseguiu manter-se viva e atuante mesmo diante de anos de perseguição e proibição. Além de conseguir demonstrar o orgulho de pertencer a um grupo distinto linguístico, cultural e identitariamente (STROBEL, 2008).

No que se refere ao grupo de designers envolvido, a pesquisa e a parceria foram de grande relevância para o curso de graduação em Design, pois vem de encontro às premissas da profissão no que diz respeito a sua relação com as diversas manifestações culturais nacionais e abordagem da inclusão social. Ademais, a Unidade Acadêmica do Design tem disponibilizado aos alunos, regularmente nos últimos oito períodos letivos, a disciplina de Língua Brasileira de Sinais (Libras - cód. 1307332) ofertada pela Unidade Acadêmica de Letras. Com o objetivo de capacitar o discente, em nível básico, para o uso da Libras em situações contextualizadas de uso desta língua.

No que concerne ao leitor, a contribuição deste trabalho reside tanto na difusão do conhecimento do campo de literatura surda, quanto nas possibilidades de projeto que este mesmo campo pode suscitar.

2. Literatura surda

A palavra literatura, durante muito tempo, teve seu significado atrelado à palavra escrita, entretanto, nos dias atuais este termo é utilizado para referir-se a uma forma criativa de se trabalhar com a língua em qualquer modalidade (SUTTON-SPENCE, 2021). Desta feita, para fins desta pesquisa, iremos nos reportar às produções literárias, escritas ou sinalizadas, oriundas de autores surdo com o termo “Literatura Surda”. As produções literárias sinalizadas tem como principal característica o uso de imagens visuais fortes, estas por sua vez são construídas em uma modalidade linguística distinta da convencional. Pois, enquanto a Língua Portuguesa falada se constitui de forma oral/auditiva, a língua de sinais caracteriza-se por se apresentar na modalidade visual-gestual-espacial (AGUIAR, 2019).

A literatura é de grande importância para sociedade, é através destas produções que histórias, memórias e tradições são mantidas vivas ao longo dos anos. Da mesma forma a Literatura Surda é para comunidade surda uma forma de exteriorizar e tornar conhecida as lutas e dificuldades da comunidade, além de denunciar e evitar que aconteça eventos semelhantes ao do Congresso de Milão (1880) que proibiu por mais de cem anos o uso das línguas de sinais em todo mundo. Mas apesar desta proibição a comunidade surda se mostrou resiliente e encontrou na literatura uma forma de contar a sua história (MOURÃO, 2016)

[...] os surdos continuavam, escondidos, a se comunicar em língua de sinais durante aulas, intervalos, nos banheiros e até mesmo em pontos de encontro fora das escolas. Assim, provavelmente já existiam vários gêneros literários, em uma rica literatura que foi sendo transmitida e passada para outros surdos [...] (MOURÃO, 2016, p. 34 e 35)

Além de ser um importante veículo de denúncia social, a Literatura Surda possui uma outra forte característica, a visualidade. Ou seja, por serem produções predominantemente visuais, as produções literárias sinalizadas, diferentemente da literatura escrita, necessitam da presença do autor/sinalizador do texto para sua apreciação. Entretanto, devido a carência de recursos tecnológicos para seu armazenamento e divulgação, estas produções ficaram durante muito tempo restritas aos encontros e festivais da comunidade surda.

É apenas com o avanço da tecnologia que estas produções começam a experimentar um novo tempo, pois agora podem ser armazenadas, divulgadas e apreciadas pelo leitor quantas vezes este julgar necessário. A expansão tecnológica, atrelada a facilidade de acesso a estes recursos adquiridos nos últimos anos, nos coloca diante de um novo perfil de leitor. Segundo Caixeta (2005) apud Souza e Giering (2010) estamos sendo apresentados a

uma geração de leitores predominantemente visual e que busca por informações rápidas e práticas. Além disso, conforme vimos, a visualidade é uma das características da Literatura Surda sinalizada, bem como um dos artefatos culturais desta comunidade, ou seja, é através das experiências visuais que a maioria dos surdos interage e recebe as informações do mundo à sua volta (STROBEL, 2008). Desse modo, a escolha do infográfico para constituir um dos objetivos da pesquisa de mestrado de Martins (2022) pode se justificar por ser este uma forma de apresentar conteúdos e temas complexos de forma mais fácil, pois utiliza-se de recursos sonoros, verbais e visuais, atendendo, portanto, a comunidade surda, bem como a esta nova geração de leitores que vem surgindo.

2.1 Gêneros literários narrativos sinalizados

“Gênero (do latim *genus-eris*) significa tempo de nascimento, origem, classe, espécie, geração. É o que se vem fazendo, através dos tempos, é filiar cada obra literária a uma classe ou espécie; ou ainda é mostrar como certo tempo de nascimento e certa origem geram uma nova modalidade literária” (SOARES, 2007, p. 6).

Diversos são os gêneros literários, mas na dissertação de mestrado ao qual nosso infográfico vinculou-se, a pesquisadora decidiu centrar-se em gêneros literários narrativos sinalizados, ou seja, textos que têm como modalidade de execução a Língua Brasileira de Sinais. Além disso, ao escolher as narrativas por amostragem, definindo portanto cinco gêneros para compor suas análises, a saber: Fábula, Conto, Narrativa de Experiência Pessoal (NEP), Crônica e Piada. Falaremos sucintamente sobre cada um deles a seguir.

FÁBULA

Para compreendermos a fábula como gênero literário, partiremos do texto de Portella (1983) no qual ele se propõe a apresentar aos alunos de Letras e aos amantes da literatura as noções básicas deste gênero, acerca do qual ele discorre dizendo: “A fábula é uma narração breve, em prosa ou em verso, cujos personagens são, via de regra, animais e, sob uma ação alegórica, encerra uma instrução, um princípio geral ético, político ou literário, que se depreende naturalmente do caso narrado” (p. 121).

A fábula pode ser dividida em duas partes substanciais, as quais La Fontaine (1940) apud Portella (1983) chama de corpo e alma da fábula. Estas partes são: 1. uma narrativa breve; 2. uma lição ou ensinamento. Por essa razão, o caráter pedagógico da fábula torna-se um traço diferencial deste gênero literário. É através da fábula que se encontram meios de falar verdades sem que o ser humano se sinta diretamente atingido por ela.

Foi o que fez Fedro, ex-escravo, ao introduzir a fábula em Roma. Segundo Portella (1983), ele utilizou-se dela para camuflar suas críticas e sátiras em defesa daqueles que eram oprimidos.

No que se refere à estrutura, a fábula pode ser definida como um drama em miniatura, logo, não interessam à fábula vários conflitos, pois esta é centrada em uma única unidade de ação.

Com relação ao tempo, Portella (1983) deixa explicitado que, embora o texto seja no passado, a unidade de tempo é mantida, ou seja, a narrativa é caracterizada por uma continuidade temporal. “Não ocorre na fábula uma ação dramática iniciar num dia para terminar no outro. Quando são feitas indicações de tempo, estas são geralmente vagas, desimportantes: ‘um dia’, ‘certa vez’, etc.” (p. 129).

Sobre a linguagem utilizada na fábula, esta é clara e próxima do cotidiano, de modo que o leitor consiga fazer a ligação entre o texto e a vida. O diálogo é predominante neste gênero e geralmente é a partir dele que se desenvolve a trama. É nesse contexto que a figura do narrador torna-se essencial, porque a situação e o resultado são por ele apresentados.

No que tange aos personagens, estes também são poucos, dada a brevidade da narrativa, e geralmente são animais falantes. Portella (1983) nos traz alguns apontamentos interessantes para entendermos o porquê de os animais serem os personagens que mais aparecem neste gênero, o que se dá pelo fato de algumas características humanas serem popularmente atribuídas a alguns animais, como, por exemplo: esperteza da raposa, bondade da ovelha, sagacidade da serpente, etc.

Nesse contexto criativo, as características específicas do gênero são: é um texto breve, em que o tempo e o espaço são pouco explicitados, os personagens são, em sua maioria, animais falantes, e sua história gira em torno de um ensinamento moralizante para o leitor.

NARRATIVA DE EXPERIÊNCIA PESSOAL (NEP)

Narrativa de experiência pessoal são textos não ficcionais, narrados pela pessoa que a vivenciou. Podemos compará-la ao gênero literário autobiográfico, que, segundo Lejeune (1975) apud Alberti (1991), tem como característica principal a relação existente entre o autor, o narrador e o personagem, o que ele chama de pacto autobiográfico, pois quem narra a história narra a partir do que vivenciou, razão pela qual não pode existir uma autobiografia/NEP anônima. Todos podemos narrar experiências e vivências, porém a forma como esta narrativa será constituída é que atribuirá a este relato um caráter literário ou não. Conforme afirma D’Onofrio (1995), “uma autobiografia, portanto, só pertence à literatura, num sentido estrito, quando o autor

consegue o extravasamento do seu eu, fazendo uso da linguagem poética, revestindo os fatos de sua vida com ideias, sentimentos, emoções” (p. 124).

Em suma, podemos dizer que o cumprimento do “pacto autobiográfico”, proposto por Lejeune (1975), e a veracidade do que se narra podem ser considerados os elementos caracterizadores da narrativa de experiência pessoal (NEP).

PIADA

A piada, como gênero textual, pode ser entendida como texto narrativo, que é geralmente de curta duração, com final inusitado que provoca o riso (SILVEIRA, 2015).

Diferentemente da narrativa de experiência pessoal, a grande maioria das piadas são caracterizadas por desconhecermos sua autoria, sobretudo aquelas que parecem ser universais. Isso se dá por ser um gênero que circula majoritariamente através da oralidade; no caso dos surdos, de uma sinalidade que, por característica do gênero, tem a autoria assumida por cada performer que conta a piada, dificultando, portanto, o rastreo dessas informações.

CONTO

Segundo D’Onofrio (1995), foi durante o romantismo que o conto literário passou a ser reconhecido como um gênero independente, antes atrelado ao romance e à novela.

O conto literário não deve ser confundido com o conto popular/maravilhoso, porque, enquanto o conto popular é caracterizado pela oralidade e pelo anonimato, tanto de autoria quanto de personagens, pois, muitas vezes, nos referimos a estes como “o rei” ou “o caçador”, por exemplo, o conto literário é um texto cuja autoria conhecemos e que tem muito mais força na tradição escrita (D’ONOFRE, 1995; SOARES, 2007).

No que se refere à estrutura textual do conto literário, esta segue de maneira muito semelhante à estrutura de um romance, a saber: o enredo, as personagens, o espaço, o tempo e o ponto de vista da narrativa (SOARES, 2007). O que vai diferenciar este gênero será o desenrolar da narrativa, porque, enquanto o romance apresenta uma diversidade de espaços, personagens e conflitos, o conto, por sua vez, tem uma “narrativa reduzida apenas a um episódio de vida. As personagens são pouquíssimas, três na maioria dos casos [...], a categoria do espaço está reduzida a um ou dois ambientes. O tempo da fábula também é muito limitado, descrições e reflexões, quando existem, são muito rápidas” (D’ONOFRIO, 1995, p. 121).

CRÔNICA

A palavra crônica vem do grego *krónos*, que significa tempo, ou seja, é um evento sequencial que ocorre dentro de um determinado tempo e espaço. Existem dois tipos de crônicas: as científicas e as literárias, e é a esta segunda que iremos nos dedicar neste momento. A crônica literária é produzida por poetas e ficcionistas e, apesar de se apoiar em eventos do cotidiano, é descrita de maneira poética e transformada pelo poder da fantasia. Esta é a definição trazida por D'Onofrio (1995) para falar deste gênero.

É importante destacar que, apesar de haver uma busca por retratar questões cotidianas, não interessa ao cronista fazê-lo em sua totalidade, antes busca extrair destas situações alguma reflexão ou crítica.

No que concerne a sua estrutura, as crônicas literárias são constituídas pelos elementos básicos da narrativa, os quais já citamos, e estas são as características específicas que nos permitem identificar este gênero: são textos curtos, centrados em questões cotidianas, que despertam reflexões e/ou críticas e que têm o urbano como espaço central da narrativa.

Agora que vimos as características estruturais que constituem cada um dos gêneros, é necessário que apresentemos uma reflexão bastante relevante feita por Soares (2007). A autora afirma que “o fato de um texto apresentar características dos gêneros, por si só, não nos leva a localizá-lo na literatura” (p. 22). E ela prossegue buscando identificar, em alguns textos brasileiros, os traços que nos permitem compreendê-los como literários.

É importante ressaltar, segundo Soares (2007), que não são apenas os elementos estruturais que definem se o texto é ou não literatura, antes é a partir dos elementos estéticos que poderemos ter esta definição.

Nos textos literários sinalizados existem diversos elementos responsáveis por produzir um efeito visual agradável e impactante, o que aponta para a estética na composição do mesmo. Na dissertação de mestrado, a pesquisadora Martins (2022), definiu os seguintes elementos estéticos, baseados em Sutton-Spence (2021), para leitura analítica dos textos selecionados.

VELOCIDADE

Em se tratando da linguagem cotidiana, a velocidade é um elemento que quase não se destaca, mas dentro da literatura, este recurso pode gerar emoções no público. Efeitos cinematográficos, como o da câmera lenta, por exemplo, podem ser reproduzidos e retratados a partir da sinalização, despertando ótimas experiências no público.

A velocidade é um recurso que chama a atenção do público para algo que o performer queira destacar na narrativa. Um momento de êxtase, dor

ou medo pode ser destacado e chamado para ser vivido pela assistência a partir da velocidade.

ESPAÇO

O uso do espaço, dentro do texto literário, pode trazer significados metafóricos, como, por exemplo, optar pelo espaço superior para sinalizar emoções positivas e o inferior para negativas, sendo um aspecto construtor de metáforas. Além do mais, pode trazer a ideia de que os referentes, quando colocados em locais separados, se opõem entre si. Também no espaço os referentes são distribuídos na narrativa para compor tanto o cenário quanto às disposições emocionais e psicológicas dos personagens.

SIMETRIA

Este elemento traz ao público a sensação de organização e equilíbrio e pode ser de três tipos: geométrica, temática e temporal. A simetria geométrica pode ser do tipo vertical (em que a configuração e o movimento se repetem em ambos os lados do artista); horizontal (quando mãos/braços são colocados um acima do outro); frente e trás (quando os elementos estão colocados em oposição cruzada). A simetria temática ocorre quando elementos que contrastam estão presentes na narrativa, como, por exemplo, o bem e o mal, o rico e o pobre. E, por fim, a simetria temporal é caracterizada pela repetição de elementos no início e no fim do texto, gerando satisfação no espectador.

MESMA CONFIGURAÇÃO DE MÃOS: ESTÉTICA E METAFÓRICA

A escolha das configurações de mãos pode trazer ao texto significados estéticos e metafóricos. No caso da estética, o uso de uma mesma configuração em uma narrativa desperta atenção do público, pois é desafiador criar uma narrativa contextualizada usando uma única configuração de mãos.

No que se refere às configurações de mãos para trazer uma mensagem metafórica, como, por exemplo, mãos abertas para aspectos positivos e mãos em garra para momentos de tensão e sofrimento, o artista escolhe cuidadosamente as configurações de mãos, pois sabe que tais escolhas serão de suma importância para que ele consiga passar para o público a mensagem desejada.

MOSTRAR HUMANOS POR INCORPORAÇÃO

Este recurso traz ao texto imagens visuais fortes, pois, ao invés de descrever as personagens, o performer as apresenta através da incorporação, ou seja, as características são feitas de maneira caricaturada e exagerada, despertando satisfação no público.

MOSTRAR ANIMAIS, PLANTAS E OBJETOS POR INCORPORAÇÃO

Da mesma forma, acontece com animais, plantas e objetos. Nestes textos, são incorporados e, muitas vezes, ganham vida dentro da narrativa, garantindo experiências visuais que talvez não fossem experienciadas caso o artista apenas os descrevesse.

CLASSIFICADORES E NOVOS CLASSIFICADORES

Uma boa história em Libras tem a presença de classificadores, que a tornam mais atraente e divertida. É através dos classificadores que conseguimos visualizar como personagens e objetos se movem e se relacionam dentro da narrativa. A linguagem literária permite que os artistas rompam com as regras e tragam classificadores diferentes dos convencionais, despertando experiências ainda mais agradáveis ao público.

ELEMENTOS NÃO MANUAIS

Expressões faciais e corporais (movimento dos olhos, da boca, da cabeça, do corpo) certamente são fundamentais para engajar o público e, sobretudo, para acrescentar à obra um forte impacto estético.

PERSPECTIVAS MÚLTIPLAS

Como vimos, quando falamos de velocidade, o uso de técnicas cinematográficas é bastante comum nas obras sinalizadas. O recurso de mostrar diversas perspectivas traz ao texto uma forte imagem visual. É por meio deste recurso que é possível um close-up ou uma visão panorâmica, sem que haja uma manipulação nos vídeos, apenas através das escolhas do performer. Também é possível, através deste recurso, observarmos a perspectiva dos personagens e até mesmo a sua partição (quando os personagens se dividem entre praticar e receber uma ação, como, por exemplo: digitar no celular e o celular recebendo a digitação). O uso desta técnica também desperta muito engajamento e atenção por parte do público.

Agora que falamos um pouco sobre os gêneros narrativos sinalizados que constituem a dissertação de mestrado de Martins (2022) falaremos um pouco sobre as contribuições do infográfico para apresentação de alguns conceitos apresentados e discutidos no trabalho de forma dinâmica e didática, além de apresentarmos as etapas seguidas para construção do mesmo.

3. Contribuição do infográfico

Estudos e pesquisas que se voltem para a literatura surda/língua de sinais no Brasil ainda são recentes. Da mesma forma, o ensino desse saber ainda é pouco difundido, inclusive em escolas de educação bilíngue (ALENCAR, 2019). Desta feita, conforme fomos coletando nossos dados e definindo as

estratégias para o tratamento destes, começamos a refletir sobre qual seria a melhor forma de apresentá-los, de modo que esta pesquisa pudesse ser acessada de maneira mais dinâmica e didática por alunos, professores e leitores de literatura surda. Foi a partir de então que decidiu-se pela a construção de um infográfico para constituir um dos objetivos específicos da dissertação de mestrado.

Segundo o Dicionário Online de língua portuguesa, infográfico é: 1. Explicação feita por meio de imagens, que pode ser utilizado para resumir as informações contidas em um texto; 2. Reunião dos elementos gráficos e visuais usados para caracterizar uma informação jornalística.

De acordo com Souza e Giering (2010), o infográfico é “uma forma textual capaz de cumprir um papel de destaque no processo de alfabetismo científico, bem como de funcionar como recurso otimizado de leitura da ciência” (p. 85). Além disso, segundo De Pablos (1999), Sancho (2001) e George-Palilonis (2006) apud Teixeira (2010), a informação gráfica faz parte da cultura visual do homem desde os tempos das cavernas, e as pinturas rupestres seriam uma prova disto. Podemos, portanto, sintetizar o conceito de infográfico partindo da fala de Moraes (1998) apud Teixeira (2010), de que “a infografia [...] pode ser entendida como um esforço de apresentar, de maneira clara, informações complexas o bastante para serem transmitidas apenas por texto”.

A escolha do infográfico se deu, então, por dois fatores:

1. A visualidade: Uma das características da comunidade surda é a visualidade. Por essa razão, decidimos compilar as informações levantadas durante a pesquisa em um espaço gráfico visual, para facilitar a compreensão não apenas dos surdos, mas de todos que a esta pesquisa tenha acesso.

É uma forma de representar informações técnicas como números, mecanismos e/ou estatísticas, que devem ser, sobretudo, atrativos e transmitidos ao leitor em pouco tempo e espaço [...] o infográfico vem atender a uma nova geração de leitores, que é predominantemente visual e quer entender tudo de forma prática e rápida. (CAIXETA, 2005, p. 1 apud SOUZA; GIERING, 2010, p. 295).

2. A didática: O infográfico, se bem utilizado, pode se tornar um bom apoio didático em sala de aula, devido a sua dinâmica interativa, o que poderá contribuir com o ensino e a aprendizagem da literatura surda brasileira.

Segundo Krum (2013) apud Santos (2015), existem seis tipos de infográficos nos formatos de mídias, a saber: 1. estático, 2. de zoom, 3. de clique;

4. animado; 5. interativo; e 6. de vídeo; e foi este último que construímos durante nossa pesquisa.

Além de visual os infográficos são dinâmicos e didáticos, assim é a partir das informações selecionadas para a construção deste infográfico que os leitores poderão acessar de maneira sintetizada os principais conceitos e categorias de análise que constituem a dissertação de mestrado “Narrativas da literatura surda brasileira: Estudo e análise de gêneros literários sinalizados disponibilizados no Youtube entre os anos de 2007-2019”, este por sua vez poderá ser utilizado inclusive como recurso pedagógico. Porque, segundo Alencar (2019) são poucos os recursos didáticos disponíveis para o estudo da literatura surda e muitos dos que existem muitas vezes ainda estão muito atrelados a literatura ouvinte, haja vista, que existem muitas traduções e/ou adaptações destas produções para língua de sinais. Portanto, ao escolher apresentar alguns dos dados da pesquisa, também em forma de infográfico, a pesquisadora acredita que poderá contribuir também com o processo de ensino e aprendizagem da literatura surda brasileira.

4. Aproximações entre Design e Libras: estudo de caso do infográfico para vídeos da literatura surda

Observa-se que apesar de conter aproximadamente 9 milhões de surdos no país, de acordo com o Ministério da Educação (MEC). Apesar disto há uma necessidade emergente de uma ampliação/divulgação de recursos didáticos e pedagógicos para o ensino destes educandos. A partir disso, e pensando no valor que um infográfico (que exibe informações visualmente) pode provocar na educação desses usuários, gerou-se uma oportunidade, e com isso, o design se torna capaz de sanar essa necessidade.

A elaboração do infográfico consistiu em 4 etapas: 1. Análise e síntese dos vídeos de literatura surda; 2. Elaboração de painel semântico; 3. Elaboração de identidade visual; 4. Seleção de textos e imagens para a elaboração do infográfico propriamente dito.

4.1 Análise e síntese

Para iniciar esse estudo de caso, os alunos da graduação em design assistiram e analisaram o aspecto visual de vídeos, catalogados pela pesquisadora de mestrado e publicados no youtube por autores que fazem o uso da língua de sinais. O objetivo dessa etapa inicial era de uma aproximação com a literatura surda, a fim de compreender as distinções entre os gêneros, bem como compreender como esses autores utilizam recursos visuais para a contação de histórias.

Para tanto foi elaborado um quadro contendo 2 tópicos principais: um de dados gerais e outro de dados audiovisuais. Os dados gerais compreenderam em: nome; data da publicação do vídeo; título da obra; link e tempo de duração do vídeo. Já os dados audiovisuais compreenderam em:

- Enquadramento, responsável por delimitar a imagem do vídeo: plano aberto (PAb) (em que todo o espaço se enquadra na cena); plano fechado (PF) (um personagem ou objeto ganha mais destaque); plano geral (PG) (o personagem é enquadrado em um espaço reduzido); plano conjunto (PC) (duas ou mais pessoas são enquadradas); plano americano (PAm) (visão do personagem do joelho pra cima); plano médio (PM) (personagem enquadrado da cintura para cima); primeiro plano (PP) (apenas o rosto do personagem é mostrado, focando nas suas expressões e emoções); e plano detalhe (PD) (enquadra apenas parte do corpo ou um objeto de menor tamanho);
- Edição (efeitos de transição utilizados), podendo ser: corte seco (CS) (passagem de um plano para o outro sem o uso de efeito ou transição); fade (ocorre quando há o surgimento ou desaparecimento gradual de imagens ou sons); freeze (repetição de um frame ou foto por um período de tempo); jump out (JO) (quando não há uma continuidade nos planos, ocasionando na impressão de que o filme está saltando); loop (trecho de vídeo ou áudio que tem o mesmo início e é posto para repetir); render (produto final obtido por um processamento digital); slow motion (efeito que torna a velocidade do vídeo menor que a normal) e transição (união de dois planos);
- Som, dividido em: background (BG) (áudio de fundo); foley (efeitos sonoros que complementam a gravação); off screen (quando um áudio está incluindo na gravação mas não faz parte de objetos/personagens que estão em cena); som direto (SD) (é gravado junto à cena) e voice over (que representa a voz de um narrador);
- Imagem de fundo com ou sem edição, especificando se apresenta com: cor, gradiente, fundo cenográfico ou imagem/fotografia/desenho (abstrato ou realista);
- Imagem inserida (caso haja), classificando-as em: fotografias ou desenhos (abstrato ou realista); definindo a quantidade (até 3, 3-6 ou mais de 6); o posicionamento (alinhamento à esquerda, à direita, centralizado, superior, inferior ou aleatório) e sua qualidade (resolução baixa ou suficiente e se a gravação se apresenta colorida ou monocromática);
- Texto inserido, determinando: a quantidade (até 3, 3-6 ou mais de 6); o posicionamento (alinhamento à esquerda, à direita, centralizado, superior, inferior ou aleatório) e a qualidade: caixa alta (CA), caixa

baixa (Cb), caixa alta e baixa (CAb); tipografia em: light, regular, negrito, condensado, expandido ou itálico; com ou sem serifa; colorida ou monocromática e se utiliza com efeito ou não;

- Descrição das palavras e termos utilizados;
- Paletas de cores, compreendendo as principais cores presentes nas cenas.

DADOS GERAIS Nome autor(a): Data da publicação: Título da obra: Gênero: Link: Tempo de duração do vídeo:		DADOS AUDIOVISUAIS 1. Enquadramento: PAb [] PF [] PG [] PC [] PAm [] PM [] PP [] PD [] 2. Edição (Efeitos de transição utilizados) CS [] Fade [] Freeze [] JO [] Loop [] Render [] S.Motion [] Transição [] 3. Som BG [] Sonoplastia [] OffScreen [] SD [] Locução [] <i>* Descrição som</i> 4. Imagem de fundo SEM edição de fundo [] COM fundo adicionado [] 5. Imagem inserida Foto [] Des. [] Pessoas [] Obj. [] Animais [] Abst [] Quantidade: Até 3 []; 3-6 []; mais de 6 [] Alinhamento: E [] C [] D [] Al. [] - SUP [] INF [] LowRes [] HighRes [] Color. [] P&B [] 6. Texto inserido C.A. [] C.b. [] C.A.b. [] L. [] Rg [] N. [] I. [] Cond. [] Exp. [] COM serifa [] SEM serifa [] Color. [] P&B [] COM efeito [] SEM efeito [] Alinhamento: E [] C [] D [] Al. [] - SUP [] INF [] 7. Palavras e termos utilizados <i>Escrever da forma como aparece (CA.b., C.b.)</i> 8. Paletas de cores paleta 1 paleta 2 paleta 3 paleta 4	
Imagem de Capa			
take ilustrativo	take ilustrativo	take ilustrativo	take ilustrativo
take ilustrativo	take ilustrativo	take ilustrativo	take ilustrativo
take ilustrativo	take ilustrativo	take ilustrativo	take ilustrativo
take ilustrativo	take ilustrativo	take ilustrativo	take ilustrativo

FIGURA 1. Modelo para análise e síntese visual de vídeos. Fonte: Os autores

Foram analisados 70 vídeos e mediante sua análise e síntese, pode-se observar que existem três vertentes de apresentação. A primeira, e a grande maioria, corresponde em vídeos simples na qual o autor não utiliza edição de vídeo, tampouco se caracteriza com uso de trajes e cenário para representar os personagens. Como segunda vertente, em oposição à primeira, podemos destacar vídeos em que autores se caracterizam e utilizam cenários para a narrativa. Por fim, existem autores que utilizam efeitos visuais e identidade visual própria.

Com relação ao uso de cores, tipografia, e imagens não identificou-se algo recorrente a cada gênero que pudesse ser incorporado. Portanto, optou-se livremente pelo uso de cores identificadas nas cenas, assim como por elementos de expressão corporal, com foco nos gestos das mãos e rosto.

4.2 Painéis semânticos

Após a análise e síntese dos vídeos foram elaborados painéis semânticos, que tem como finalidade minimizar ainda mais essa síntese. A primeira etapa foi marcada pela divisão dos gêneros dos vídeos (um para cada painel), seguido da adesão de informações acerca de: tipografia, cores, edição (áudio e vídeo) e enquadramento. Além disso, foram adicionadas imagens para ilustrar os gêneros e tornar visual os dados expostos nos painéis. A utilização desse conteúdo, no que tange a tipografia e as cores, foi usada para auxiliar na escolha de fontes e na construção da paleta de cores do infográfico.

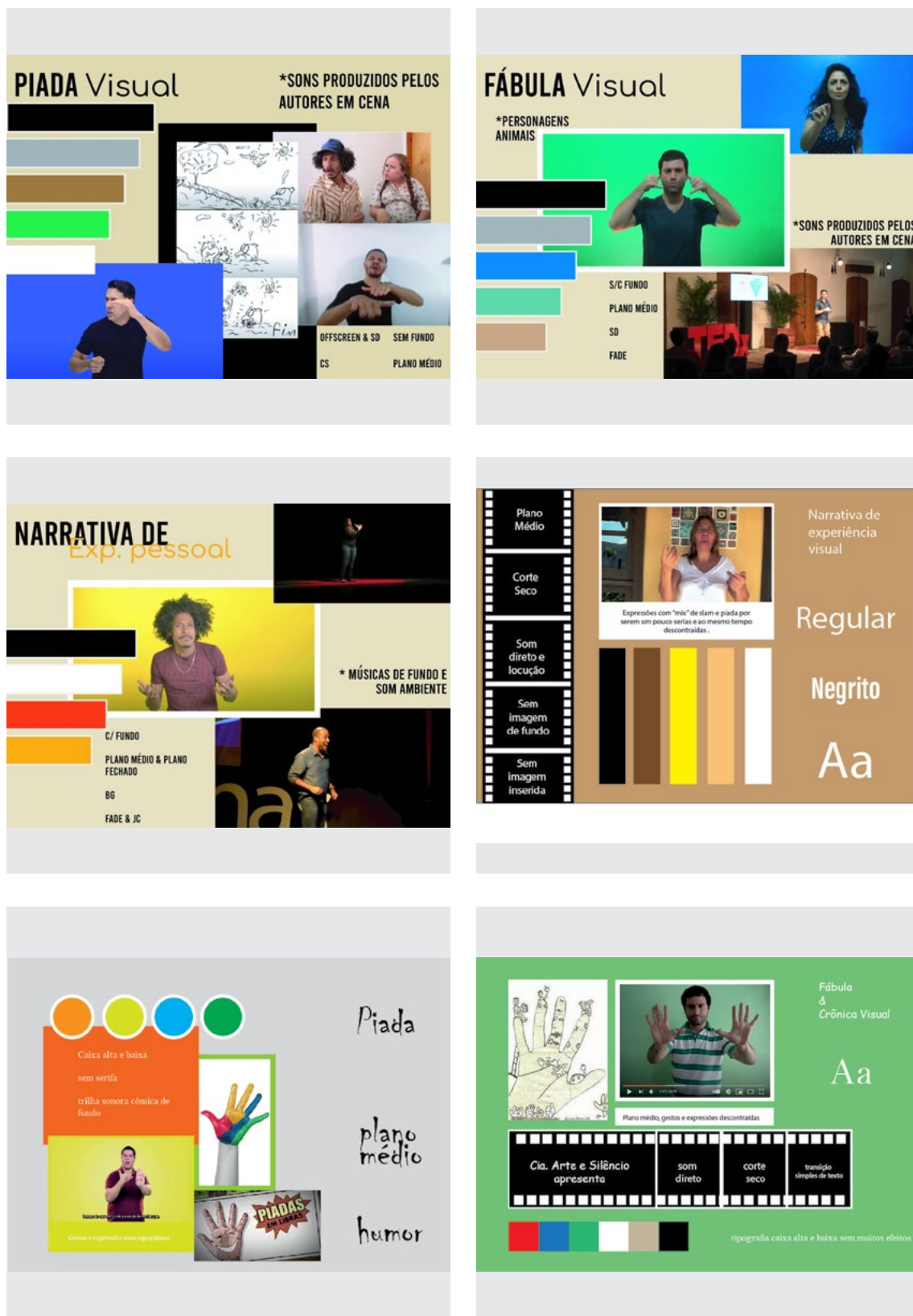


FIGURA 2. Painel referente ao gênero piada. Fonte: Os autores.

4.3 Identidade visual

Como identidade visual para o infográfico, considerou-se aqui o conjunto de elementos visuais que pudessem destacar a variedade de gêneros literários. Com base nas análises anteriores, e compreendendo a importância da expressão corporal para a literatura surda, optou-se por explorar os gestos com mãos e rostos.

Em momentos de discussão e brainstorm entre a equipe, cogitou-se inicialmente utilizar apenas as mãos e os sinais de libras mais comuns em cada gênero. De forma a possuir uma linguagem mais simples e coesa. Afinal, para a construção do infográfico, seriam também utilizados textos da pesquisadora, imagens de apoio e janela com tradução em Libras.

No entanto, havendo a necessidade de tornar o material atrativo, em vista da urgência posta pela pesquisadora do fomento à divulgação da Literatura Surda entre os pares, optou-se por expandir o visual das mãos para os rostos e com isso a criação de personagens para cada gênero literário. Os emojis foram a primeira proposta para os personagens. Deveriam ser emojis que além da face possuísem mãos e/ou alegorias que pudessem caracterizar cada um dos gêneros. Para essa etapa, foi construído um outro quadro contendo palavras-chave, emojis, ícones e uma paleta de cor. O quadro foi construído em conjunto com a pesquisadora de Linguagem e Ensino, que, além de fornecer as palavras-chave, elaborou com base em sua experiência desenhos de emojis que pudessem melhor representar cada gênero. Os pesquisadores em design, por sua vez, sintetizaram as palavras e emojis em cores e ícones.

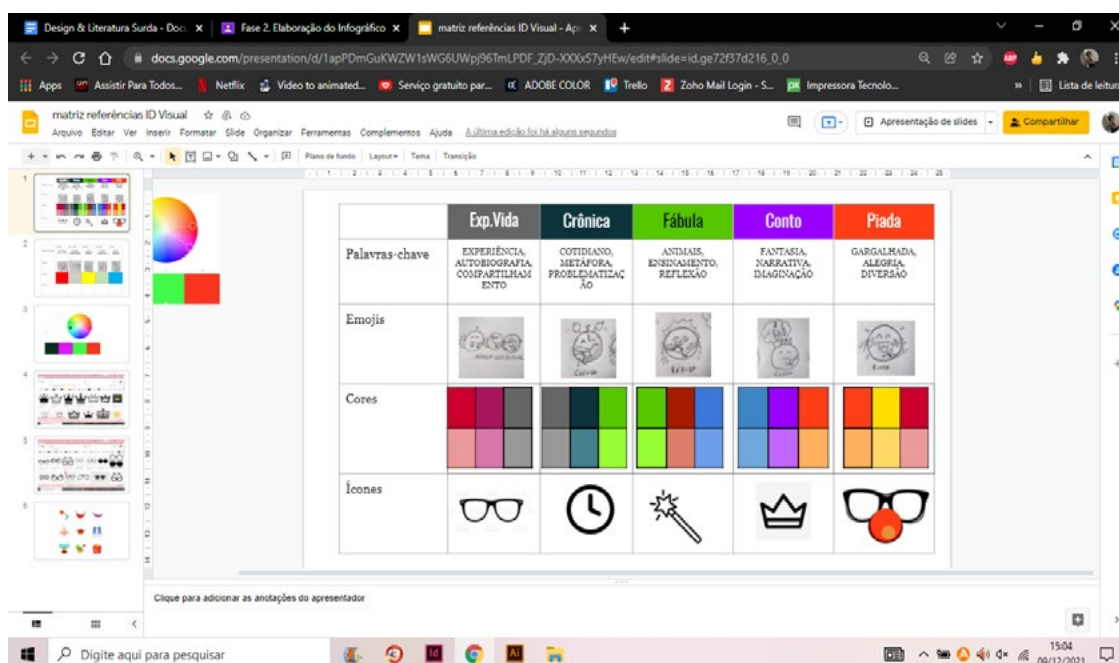


FIGURA 3. Matriz de referências para a diferenciação dos gêneros literários. Fonte: Os autores

Após alguns estudos de alternativas com emojis, a equipe cogitou dar mais personalidade à identidade visual. Em um primeiro momento, buscando trabalhar a diversidade de etnias, foram realizados estudos com personagens morenos, louros, negros, de cabelos longos, curtos, lisos e crespos (Figura 4). Em um segundo momento, objetivando dar mais coesão entre as personagens e dando mais ênfase no gênero, e não no autor (nesse caso representado pelo personagem), optou-se por usar a imagem da pesquisadora de mestrado. Por esta ser a autora e porta-voz das mensagens contidas no infográfico. Desse modo, a personagem ganhou singularidade e originalidade, incorporando essas características ao projeto.



FIGURA 4. Desenvolvimento da identidade visual da personagem. Fonte: Os autores



FIGURA 5. Desenvolvimento da identidade visual da personagem. Fonte: Os autores

Por ser um infográfico dinâmico, surgiu a necessidade de tornar a personagem dinâmica também. Para isso, foi realizada uma animação manual utilizando o adobe illustrator e uma ferramenta de criação de formato para intercâmbio de gráficos no formato gif. Durante esse processo, iniciou-se um estudo das sinalizações por vídeo para a criação dos gestos das mãos.

Para movimentar a personagem da categoria narrativa de experiência pessoal utilizou-se uma animação nos olhos (fechamento e abertura), na boca (através do sorriso) e nas mãos (com a mudança de gestos). Na de piada foram utilizados também os olhos (fechamento/abertura e intensidade das lágrimas), a boca (com a gargalhada) e as mãos (com a mudança de gestos); acrescentando os elementos da camisa (com a flor giratória) e o nariz (com o nariz de palhaço pulsando). Quanto a de crônica, a animação foi realizada através dos olhos (fechamento e abertura), da boca (com o sorriso), das mãos (com a mudança de gestos) e do movimentos dos sinos (badalando sobre a cabeça da personagem). Em relação a de conto, os quadros foram estruturados com a animação dos olhos (fechamento e abertura), da boca, das mãos (com a mudança de gestos), das bochechas rosadas (incorporando traços de timidez na personagem) e usando elementos à parte, como: a coroa brilhando, o balão de pensamento com o movimento do castelo e do arco-íris. Finaliza-se a animação das personagens com a de fábula, que foi animada utilizando as orelhas da sua tiara de coelho, os olhos (fechamento e abertura), a boca (através do sorriso), as mãos (com a mudança de gestos) e a saturação da cor do nariz de coelho pintado em seu rosto.



FIGURA 6. Sequência de animação da personagem nos cinco gêneros. Fonte: Os autores

Depois da criação e definição da personagem, foram desenvolvidos logotipos característicos para cada tipo de gênero literário: narrativa de experiência pessoal, piada, crônica, conto e fábula; utilizando como base os ícones definidos na figura 03. Com o objetivo de tornar o conteúdo ainda mais lúdico e divertido. Seu processo de desenvolvimento pode ser visualizado abaixo na figura 07.

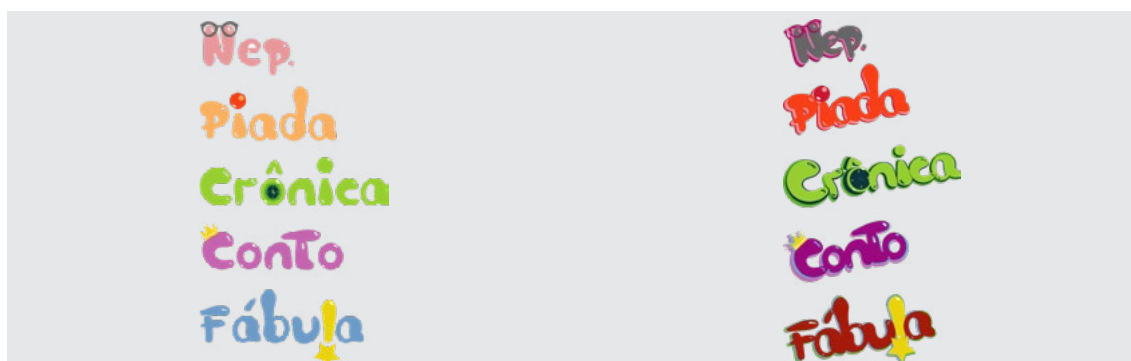


FIGURA 7. Logotipos para cada gênero. Fonte: Os autores

4.4 Construção do Infográfico

Com os estudos e a animação da personagem finalizados. Iniciou-se o processo de construção do infográfico.

Para isso, a pesquisadora Martins (2022) definiu o texto que estaria disponível nele, destacando as palavras principais, ou seja, aquelas que deveriam receber mais destaque e a partir disso foram desenvolvidos mais dois painéis. Estes tiveram como objetivo a transformação dessas palavras-destaque de linguagem verbal para não-verbal. Essa mudança de linguagem é feita para auxiliar na escolha das imagens do infográfico.

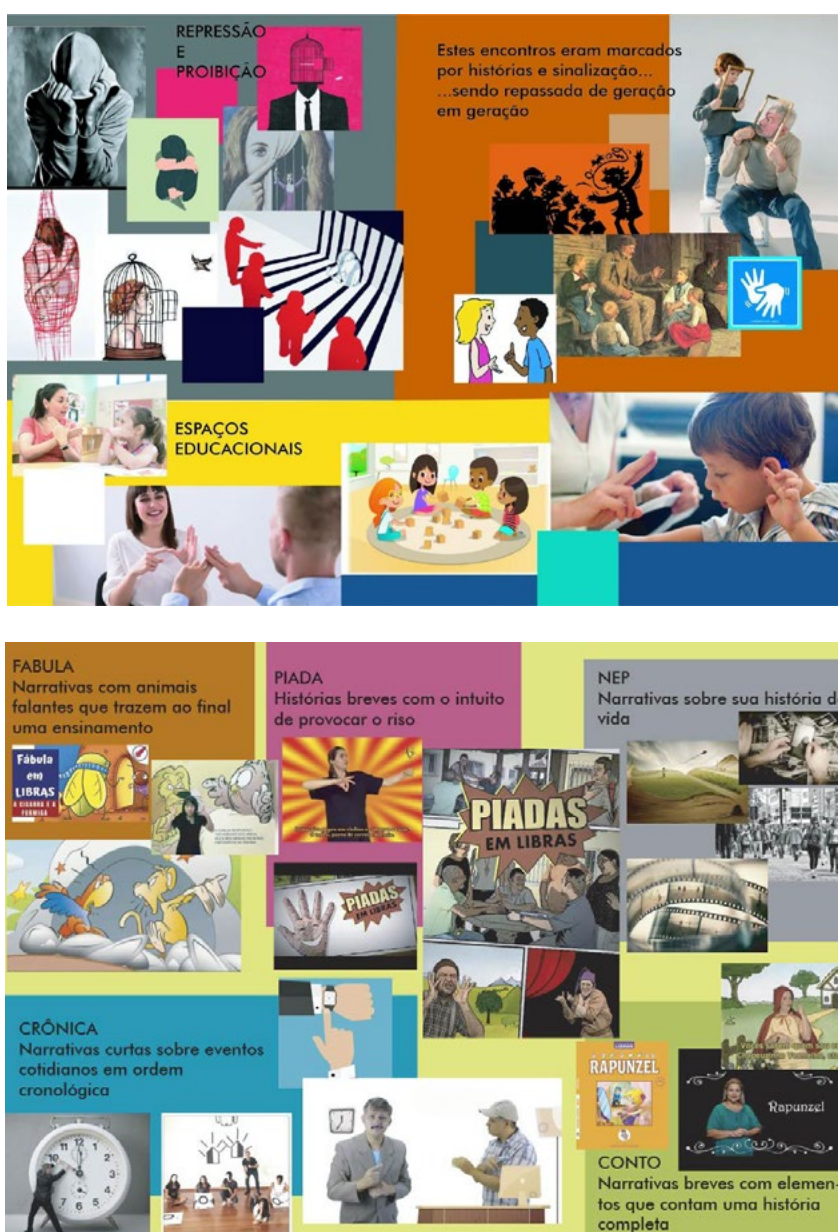


FIGURA 8. Painel de palavras. Fonte: Os autores

Um outro cuidado tomado na construção do infográfico se refere a questão da acessibilidade, desta feita, na construção do infográfico foram inseridos narração e legenda do texto em língua portuguesa, além de uma janela com interpretação em Libras do conteúdo que está sendo apresentado (conforme podemos ver nas imagens a seguir). O uso destes recursos faz com que este infográfico possa ser acessado pelo público surdo e ouvinte, usuários ou não da Língua Brasileira de Sinais.

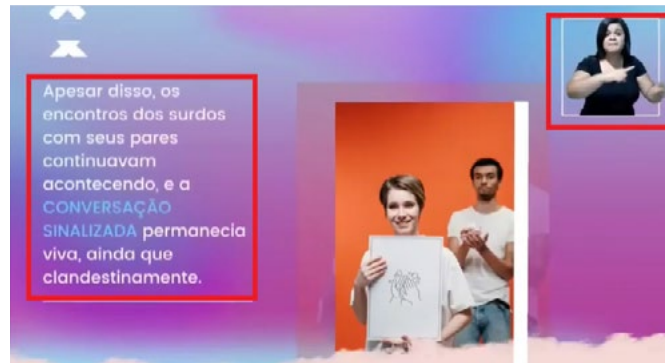


FIGURA 9. Trechos que mostram a acessibilidade do infográfico. Fonte: Os autores

Para acessar o infográfico na íntegra posicione o seu dispositivo no qr code a seguir, ou clique neste link <https://youtu.be/NMNjGR9FdSg>



FIGURA 10. Qr code de acesso ao infográfico.

5. Considerações finais

A comunidade surda tem como um de seus artefatos culturais a visualidade, ou seja, as experiências de mundo de grande parte dos sujeitos surdos se dão a partir da visão (STROBEL, 2008). Isto justifica o fato de muitos surdos brasileiros terem como sua primeira língua a Libras, língua esta que tem como principal característica a sua constituição que se dá a partir da modalidade visual/espacial, diferente da Língua Portuguesa falada que se constitui na modalidade oral/auditiva.

Sabendo das características visuais da comunidade surda, e do fato de estarmos diante de uma geração de leitores que por vezes necessita de informações rápidas e práticas (CAIXETA, 2005, p.1 apud SOUZA; GIERING, 2010, p. 295) conseguimos identificar no encontro do Design da Informação com a Literatura Surda, uma excelente oportunidade de tornar acessíveis, visuais, didáticas e dinâmicas as informações teóricas referentes à literatura surda brasileira.

Acreditamos que a construção do infográfico, produto final do projeto de pesquisa que aqui se apresenta na forma de estudo de caso, poderá contribuir com pesquisas e estudos posteriores nestas áreas (Design da Informação e Literatura Surda), além de poder ser utilizado como recurso didático e pedagógico no processo de ensino e aprendizagem da literatura surda brasileira. Com relação ao que aqui apresentamos, consideramos que tal trabalho pode estimular mais trabalhos interdisciplinares entre design e educação.

Referências

AGUIAR, Girlaine Felisberto de Caldas. *Ensino de libras para aprendizes ouvintes: a injunção e o espaço como dimensões ensináveis do gênero instrução de percurso*. Dissertação (Mestrado em Linguagem e Ensino) - UFCG, 2019.

ALBERTI, Verena. *Literatura e autobiografia*. 1991. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2313/1452>. Acesso em: 12 set. 2021.

ALENCAR, Joyce Gomes de. *Construindo processos de literatura surda na escola: reflexões, ações e propostas*. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) - UFAL, 2019.

ANABEATRIZLUCAS. *Dia 8 março.wmv*. Youtube, 8 de mar. de 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2Av9xV60mlA>>. Acesso em: 28 de jun. de 2021.

BARROS, F. *Como é ser surdo no Brasil?* Youtube, 10 de jul. de 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Yqxm6HGKMKI>>. Acesso em: 30 de abr. de 2021.

BOARETTO, R. *Minha poesia Libras halloween a até z (vampiro vs lobisomem)*. Youtube, 1 de nov. de 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=H5Npv-UICqQ&list=PLjzJp1nieHplDrrz2ZcAyZL0F5xvqjCz0>>. Acesso em: 28 de abr. de 2021.

- BOARETTO, R. *Luto por Amazônia em sinais*. Youtube, 23 de ago. de 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bRAH43kIaGg>>. Acesso em: 15 de jun. de 2021.
- CANDIDO, A. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. *Vários Escritos*. 3. ed. São Paulo, Editora Duas Cidades, 1995.
- D'ONOFRIO, S. O conto policial de Edgar Allan Poe. In: D'ONOFRIO, Salvatore. *Teoria do texto 1: Prolegômenos e teoria da narrativa*. São Paulo: Ática, 1995.
- GERBASE, C. CINEMA: *Primeiro Filme - Descobrindo, Fazendo, Pensando*. 1. ed. Porto Alegre: Editora Artes e Ofícios, 2012.
- INFOGRÁFICO. In: *Dicio*, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/literatura/>. Acesso em: 10 nov. 2020.
- MARTINS, Jéssica Millena Figueiredo. *Narrativas da literatura surda brasileira: Estudo e análise de gêneros literários sinalizados disponibilizados no Youtube entre os anos de 2007 e 2019*. Dissertação (Mestrado em Linguagem e Ensino). UFCG, 2022
- LOURÃO, Cláudio Henrique Nunes. *Literatura Surda: experiência das mãos literárias*. Tese (Doutorado em Educação) - UFRGS, Porto Alegre, 2016.
- PIMENTA, N. *O homem que queria ser cachorro*. Youtube, 18 de abr. de 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UvQnMwF6-gM>>. Acesso em: 22 de abr. de 2021.
- PORTELA, O. *A Fábula*. Revista Letras. Curitiba: IFPR, 1983. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/19338/12634>. Acesso em: 10 set. 2021.
- RAMALHO, S.; SEGALA, R. *Fazenda: Papagaio*. Youtube, 08 de jul. de 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=o4WIrAArnDI&list=PLjzJp1nieHpkZpZfvlfjs8uxLbKYeLEbl>> Acesso em: 30 de abr. de 2021.
- SÁ, F. *A revelação*. Youtube, 11 de jan. de 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LLKg_gWQvBo&list=PLjzJp1nieHpnpbisl_0lzNXVhCcifuec6>. Acesso em: 15 de jun. de 2021.

SANTOS, Gabriele Maria Silva dos. *Infográficos interativos como material escolar: um estudo sobre a utilização de infográficos digitais interativos para compreensão de conteúdo escolar no ensino médio*. Dissertação (Mestrado em Design) - UFPE, 2015.

SEGALA, R. *Caos*. Youtube, 11 de ago. de 2009. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=k9yCX1G0fcA>> Acesso em: 15 de jun. de 2021.

SILVEIRA NETO, Joaquim Cardoso da. *Gênero textual 'piada': discussões preliminares*. Disponível em: https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/9855/2/Joaquim_Cardoso_da_Silveira_Neto.pdf. Acesso em: 15 set. 2021.

SOARES, A. *Gêneros literários*. 7. ed. São Paulo: Editora Ática, 2007.

SOUZA, J. A. de C.; GIERING, M. E. *O infográfico: a multimodalidade e a semiolinguística*. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/144/154>. Acesso em: 15 nov. 2021.

STROBEL, K. *As imagens do outro sobre a cultura surda*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

SUTTON-SPENCE, Rachel. *Literatura em Libras*. Tradução Gustavo Gusmão. 1. ed. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2021. (livro eletrônico)

TEIXEIRA, Tattiana. *Infografia e jornalismo: conceitos, análises e perspectivas*. Salvador: EDUFBA, 2010.

Como referenciar

MARTINS, Jéssica Millena Figueiredo; SILVA, Camila Assis Peres; MORAES, Luana Gabriela Luna de Moraes; SANTOS, José Carlos da Silva. Uso de infográfico como ferramenta didática para divulgação da literatura surda. **Arcos Design**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, pp. 300-325, jan./2023. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/arcosdesign>.

DOI: <https://www.doi.org/10.12957/arcosdesign.2023.71084>



A revista **Arcos Design** está licenciada sob uma licença Creative Commons Atribuição – Não Comercial – Compartilha Igual 3.0 Não Adaptada.

Recebido em 8/10/2022 | Aceito em 8/11/2022